

Brasil enfrenta pior crise, diz economista

O Brasil atravessa hoje, entre o estrangulamento provocado pela dívida externa e o desemprego, a pior situação que enfrentou neste século, mais grave inclusive que a crise iniciada com a recessão econômica norte-americana, em 1929. O País não pode dar-se ao luxo de errar porque, se isso ocorrer, quebra. E, se o Brasil não conseguir rolar sua dívida externa, como aconteceu com a Polônia, o sistema financeiro internacional também quebra, causando um colapso geral e uma recessão como nunca houve.

O economista Adroaldo Moura da Silva, da USP, normalmente moderado em seus comentários, surpreendeu ontem os membros do Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros com a análise sobre a situação do balanço de pagamentos. "Estrangulamento externo", "asfixia cambial" e "dependência dan-tesca da situação econômica externa" foram termos repetidos insistentemente numa palestra que durou quase uma hora. Ao final, preocupado com o impacto causado por suas palavras, Moura da Silva perguntou a um executivo: "será que fui muito pessimista?", e ouviu a resposta: "não, você foi realista porque estamos mesmo num beco sem saída".

A SAÍDA

É ilusório pensar que a saída esteja no Proálcool ou em Serra Pelada, como pensou um executivo. "Para girar a dívida, precisamos de mais de US\$ 16 bilhões agora e o ouro de Serra Pelada exige investimento e não sairá da terra antes de quatro anos". A saída para o estrangulamento, segundo Adroaldo, é aumentar as exportações e reativar a tomada de empréstimos externos.

Para estimular a utilização de re-

ursos externos, ele aponta como uma das melhores alternativas de que o governo dispõe o condicionamento da tomada de empréstimos internos à utilização de uma parte de recursos externos obtidos pelos bancos nacionais na forma da Resolução 63. Só assim as empresas deixariam de pressionar os empréstimos internos, que estão custando menos atualmente. Além disso, o governo deveria proibir a realização de contratos financeiros com correção monetária prefixada. O governo, segundo ele, precisa solucionar rapidamente a rejeição da 63 que já está com um estoque de cerca de US\$ 1 bilhão no Banco Central.

O Brasil exportará apenas 9% de seu produto nacional, contra 28% na Alemanha, 23% na França e 27% na Itália. Os EUA, que exportavam 6,5% em 1970, já exportam 13%. Adroaldo considera possível e necessário aumentar as exportações para enfrentar os problemas do balanço de pagamentos. O Brasil — afirmou — é o único país do mundo onde a soma de juros externos, amortizações e conta petróleo é superior ao total exportado. Em 1978 esses compromissos já representavam 108% das exportações.

O mais grave é que tanto juros quanto a conta petróleo estão sujeitos a constantes oscilações. "Quando a prime rate (taxa preferencial de juros nos EUA) sobe um ponto percentual, o governo experimenta um frio na espinha porque as despesas com juros aumentam de 500 a 600 milhões de dólares", afirmou. E a prime, que atualmente está um pouco acima de 20% ao ano, já mostrou que pode subir 100% em menos de 12 meses.

(J.A.R.)